

JOÃO LUÍS CARRILHO DA GRAÇA



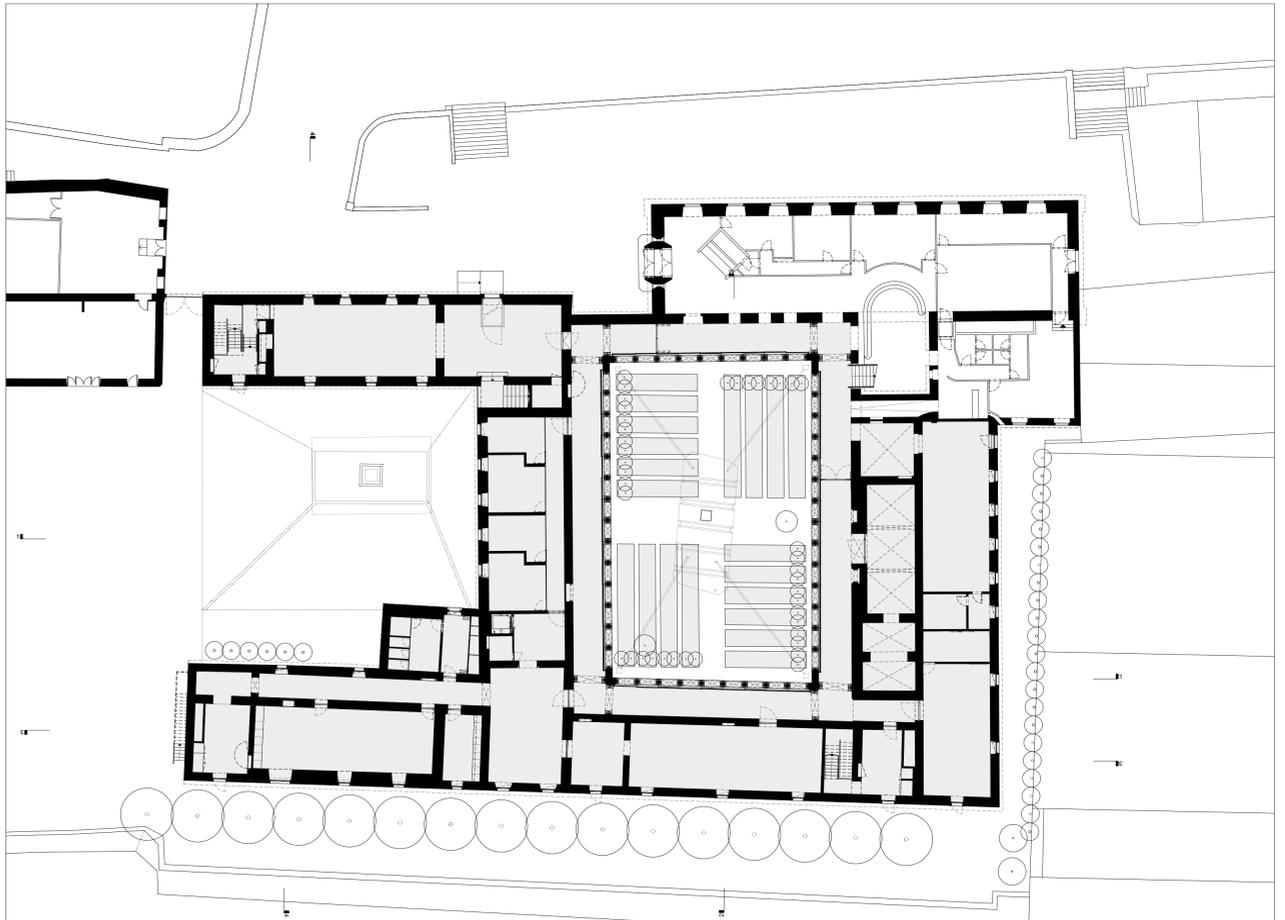
A cidade de Abrantes é, material e historicamente, um signo num território alargado, expressão da oportunidade geoestratégica encontrada no acaso de um promontório inscrito no centro geométrico de um território, desse território, definido por convenções geopolíticas e, simultaneamente, na transição entre duas unidades de paisagem de morfologias distintas — a orografia acidentada das Beiras e as planícies 'Borda d'Água' da Lezíria. Vigilante sobre as paisagens em que se elevou, Abrantes construiu-se simultaneamente como óculo e farol, entreposto fortificado e passagem obrigatória, na paz ou na guerra: sobre um topos, telúrico e matricial, a ocupação humana construiu a sua oportunidade de habitar, o seu locus, sistémica e inextricavelmente vinculados entre si.

O Castelo, pólo fundador, ocupou o lugar primeiro da urbe, dominando visualmente a curva do Tejo que abraça o promontório, e das suas muralhas estenderam-se os braços que organizaram a vida civil e religiosa, ao longo dos festos, mas também colina abaixo em direcção ao rio. E foi perto do rio, na planície aluvionar, que as primeiras comunidades religiosas se vieram instalar, junto do búlio da faina e do comércio, mas sujeitas aos riscos inerentes à flutuação sazonal do Tejo. A deficiente salubridade e a pestilência obrigariam, a curto prazo, as ordens a abandonar o seu lugar primeiro na planície em favor da topográfica segurança do termo da urbe, instalando-se nos extremos dos eixos que a cidade construiu, novos signos numa malha até aí polarizada em torno do Castelo e das matrizes das duas paróquias em que se dividia. O dominicano Convento de São Domingos instalou-se no planalto do Rossio extra muros (hoje Praça da República), equilibrando-se o edifício quinhentista sobre um troço de muralha ao estilo Vauban acima da cota envolvente, no topo de uma encosta abrupta do extremo sul do promontório em que Abrantes se inscreve. Despido da sua função monástica e ocupado, sucessivamente, por militares e estudantes, o convento viu a sua igreja transformada em biblioteca pública e a maioria dos restantes espaços afectos ocupados pelo Instituto Politécnico de Tomar. Reposto ao seu carácter matricial, pela intervenção de João Luís Carrilho da Graça, o convento alberga agora, nas alas não ocupadas pela biblioteca, o MIAA - Museu Ibérico de Arqueologia e Arte de Abrantes.

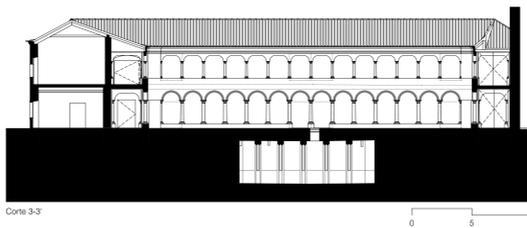
O projecto de João Luís Carrilho da Graça para o MIAA parte do entendimento da coisa construída no território como parte dele, simultaneamente objecto estranho mas também registo de acontecimentos e períodos distintos que conformam paisagem. A partir de uma dialéctica que procura esclarecer o conjunto construído, o projecto parte dos pressupostos programáticos e logísticos inerentes à construção das condições museológicas num edifício histórico, algo maltratado, para chegar a uma solução que, significativamente, explicita o seu valor patrimonial ao retomar uma organização que remete tanto quanto ainda possível para a organização espacial original.

Organizados em torno do claustro original, os espaços do convento, tendo sido eliminadas as celas pelos anteriores ocupantes, vêem revelada e explorada pelo projecto uma inesperada qualidade e flexibilidade arquitectónica que mais sublinharam a necessidade do restauro, reabilitação e dotação infra-estrutural do edifício se pautar por um silêncio formal e uma ocupação funcional adaptados às características espaciais e estruturais do conjunto. Assim, ocupado o piso 0 do convento por, essencialmente, serviços técnicos e de apoio ao funcionamento do museu, no 1º piso distribuem-se espaços expositivos para núcleos específicos das colecções e fundos depositados na Câmara Municipal de Abrantes.

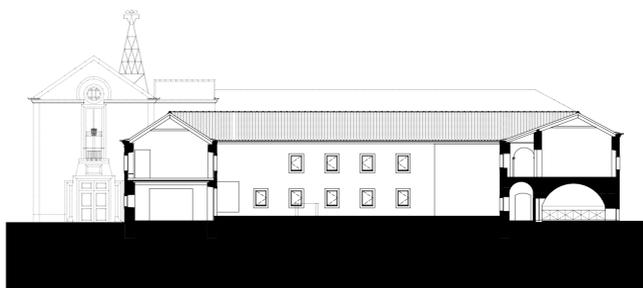
A avaliação patrimonial do edifício, levou a que se retomasse com pragmatismo e inesperada rentabilidade, em termos de qualidade arquitectónica e flexibilidade funcional, o regresso, dentro do possível, ao projecto original do Convento Dominicano, assumindo com subtilidade o MIAA uma nova centralidade na urbe concentrada em topo de colina da cidade de Abrantes.



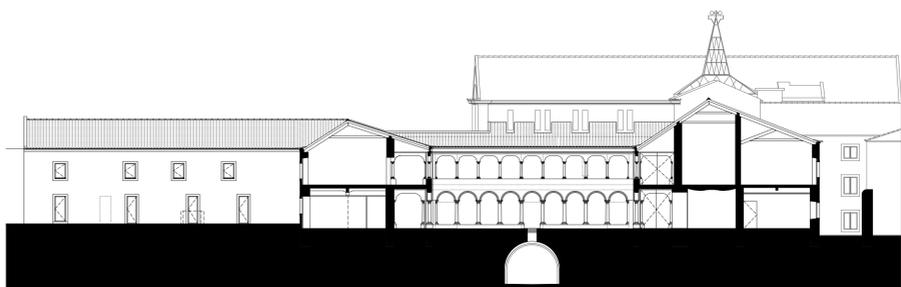
Planta piso 0 — cota 161.23



Corte 3-3'

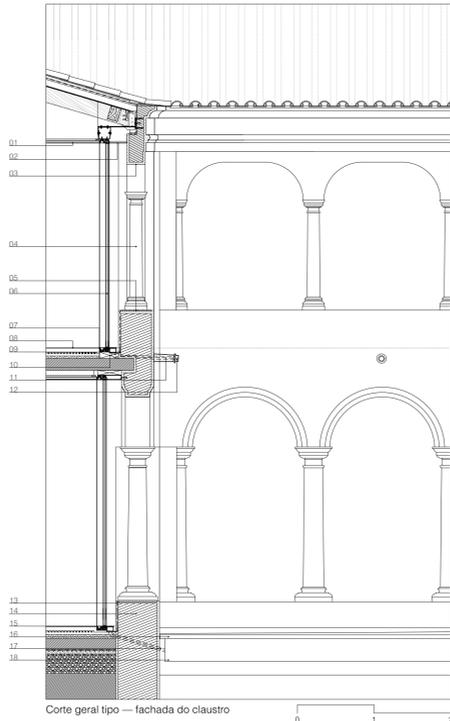
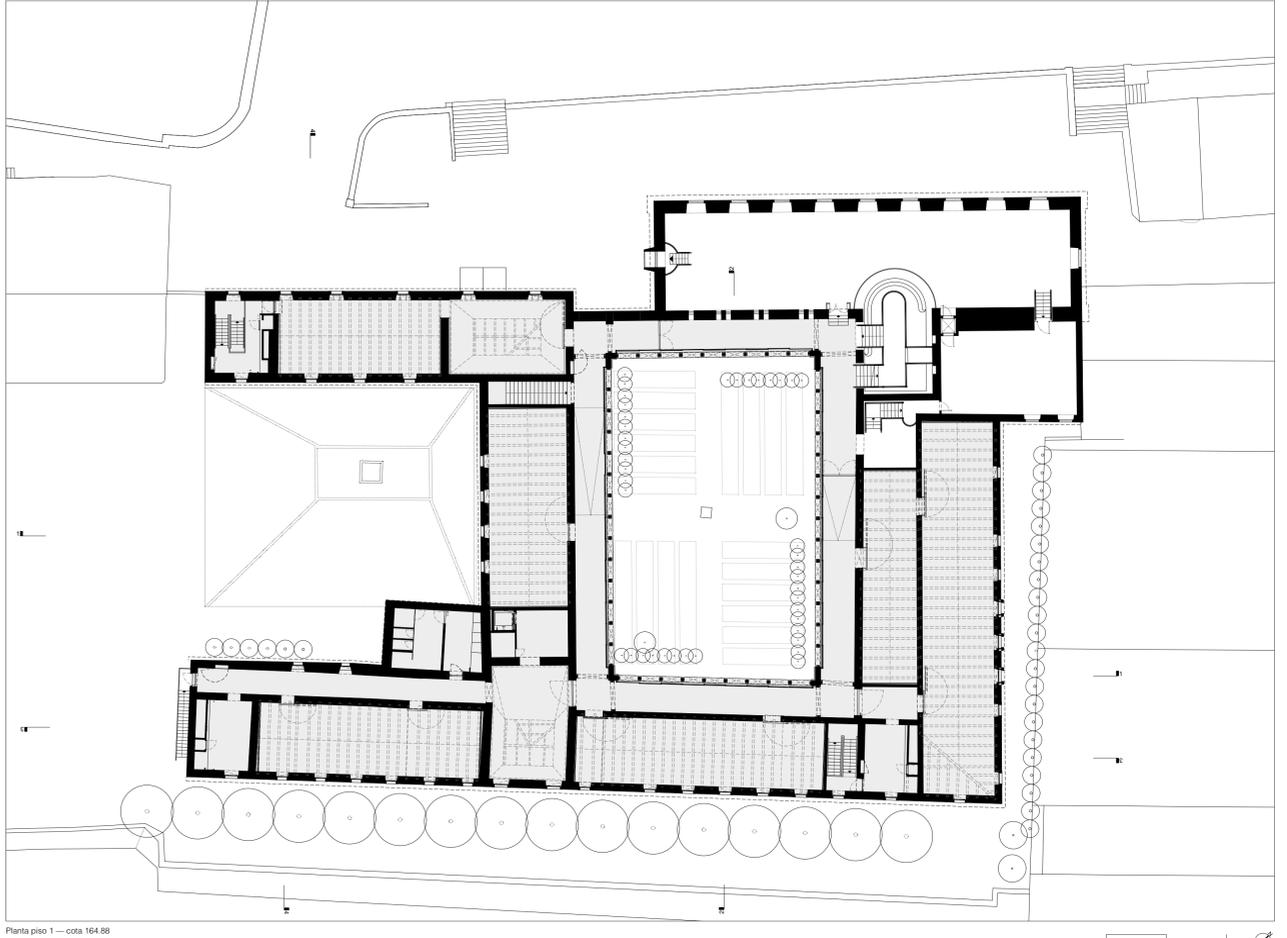


Corte 4-4'



Corte 1-1'

JOÃO LUÍS CARRILHO DA GRAÇA



- 01 Sistema de tecto falso suspenso em placa standard de gesso cartonado 12,5mm espessura, incluindo estrutura portante, revestimento com absorção acústica
- 02 Estrutura superior de suporte do calvito em perfil de aço galvanizado, revestimento a chapa de alumínio 2mm
- 03 Sistema de reboco de regularização/emboco 20mm espessura, anti salitre, desumificante, acabamento com pintura de sílica
- 04 Colunas em pedra existentes
- 05 Pedra de capamento existente
- 06 Calvito de corer em alumínio, bi-rail, com todas as folhas de abrir/correr; vidro duplo (8+12+8) composto por vidro exterior temperado 8mm espessura, caixa de ar 12mm, vidro interior temperado 8mm espessura
- 07 Remate lateral do calvito em chapa 3mm espessura
- 08 Pavimento em mármore cimentício
- 09 Caixa de drenagem em chapa de aço galvanizado, 2 a 3mm espessura, quinada, com juntas continuamente soldadas

- 10 Camada de micro betão
- 11 Gárgula cerâmica existente a repositonar após limpeza, mantendo a cota e pendente existentes
- 12 Tubo de drenagem em aço galvanizado, soldado continuamente à base da calreira, embutido na gárgula, diâmetro mínimo 60mm
- 13 Argamassa impermeabilizante aplicada sobre o emboco
- 14 Parede existente em alvenaria de pedra e tijolo
- 15 Tampa da calreira, contínua, amovível, em chapa de alumínio 5mm espessura, fixação através de parafusos aço inoxidável cabeça de embutir sextavado interior equidistantes
- 16 Grelha/tampa em pedra perfurada das caixas sumidouros de drenagem das águas do pavimento exterior do claustro
- 17 Tubos de drenagem em aço galvanizado, soldados continuamente à base da calreira, diâmetro mínimo 50mm, com ligação à todas as caixas de sumidouro de drenagem do pavimento exterior
- 18 Calças sumidouros de drenagem das águas do pavimento exterior do claustro